

## SESSÃO 3 – ARTIGOS

### TECNOCIÊNCIA E SUBJETIVIDADE: CONEXÕES ENTRE SIMONDON, DELEUZE E WHITEHEAD

Bruno Vasconcelos de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho *‘Tecnociência e Subjetividade: conexões entre Simondon, Deleuze e Whitehead’* investiga a articulação entre corpos e máquinas em obras dos três autores. Trata-se de perguntar como se coloca o problema das interfaces entre corpos e máquinas em Simondon, Deleuze e Whitehead. Em Deleuze, encontra-se um percurso que vai das máquinas desejantes ao corpo sem órgãos, passando pelos mapas cerebrais; em Simondon encontra-se uma evolução concomitante dos meios biológicos e dos meios técnicos através da qual, corpos e máquinas ocupam um mesmo plano ontológico; em Whitehead encontra-se um universo conceitual diferenciado, onde conceitos como entidade atual, entidade real, concrecência e objetos eternos podem indicar alternativas para a questão corpos e máquinas. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa em andamento intitulada *‘Tecnociência e Subjetividade: corpos e máquinas no âmbito das convergências tecnológicas atuais’*. O objetivo principal é a investigação dos modos de produção de subjetividade nas sociedades atuais, onde a conjunção ciência e técnica é prioritária.

**Palavras-chave:** Tecnociência; subjetividade; Deleuze.

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento intitulada *‘Tecnociência e Subjetividade: corpos e máquinas no âmbito das convergências tecnológicas atuais’*. Ela objetiva investigar modos de produção de subjetividade nas sociedades atuais, onde a conjunção ciência e técnica toma de assalto o cotidiano das pessoas. Por um lado, a noção de tecnociência parece indicar um estatuto especial para as relações entre técnica e ciência, com predomínio da primeira sobre a segunda. O uso e aplicabilidade de tecnologias nas sociedades contemporâneas vinculam a ciência a um ideal utilitarista, levando a mesma a reboque dos fluxos financeiros em jogo no capitalismo atual. Por outro lado, os modos de produção de si e de invenção do humano e do pós-humano são afetados pelas realizações da tecnociência, de uma maneira inédita com relação a outros momentos da história, através de processos acelerados da abolição de fronteiras antes existentes no conhecimento, permitindo a manipulação genética e outros feitos extraordinários no plano da reengenhagem de seres vivos (biodesigns, etc.), tais que tornaram obsoletas as relações entre corpos e máquinas estabelecidas nos últimos cem anos. Além da necessária revisão da literatura crítica em torno da tecnociência, a investigação parte de algumas conexões estabelecidas através dos pensamentos de Gilbert Simondon, Gilles Deleuze e Alfred North Whitehead.

Estes três autores possuem uma concepção específica de ciência, desenvolvida em momentos históricos distintos, e que teve grande importância para o pensamento e a filosofia, bem como desdobramentos em outras áreas do conhecimento. Contudo, valeria perguntar como se coloca o problema das interfaces entre corpos e máquinas nos três pensadores. Em Deleuze encontra-se um percurso que vai das máquinas desejantes ao corpo sem órgãos, passando pelos mapas cerebrais; em Simondon encontra-se uma evolução concomitante dos meios biológicos e dos meios técnicos através da qual, corpos e máquinas ocupam um mesmo plano ontológico; em Whitehead encontra-se um universo conceitual diferenciado, porém alguns de seus conceitos talvez possam indicar alternativas para a questão corpos e máquinas, conceitos como entidade atual, entidade real, concrecência e objetos eternos.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. Bruno Vasconcelos de Almeida (PUC Minas). E-mail: [brunovasconcelos@pucminas.br](mailto:brunovasconcelos@pucminas.br).

## Conexões Simondon, Deleuze, Whitehead

Neste trabalho, o pensamento de Deleuze opera um modo particular de agenciamento, pois é ele quem estabelece linhas de conexão com os pensamentos de Simondon e Whitehead. Para ficar apenas na relação conceitual e terminológica, a relação entre Deleuze e Simondon pode ser indicada nos conceitos de díspar, ressonância, cristalização, modulação, virtual e, talvez o mais importante, individuação. Deleuze e Whitehead igualmente comportam aproximações dessa natureza: acontecimento, processo, ritmo, princípio ontológico, criatividade.

Na proliferação conceitual dos três autores destacamos a importância do pensamento sobre as máquinas, a caracterização dos objetos técnicos, as implicações tecnológicas no leque das formações sociais, a criação de modos de subjetivação afetados pelos intercâmbios entre técnica e tecnologia, uma ontologia do processo e da criação e, no caso deste trabalho, a investigação das relações entre corpos e máquinas.

### A leitura deleuzeana de Simondon

Nos trabalhos de Deleuze encontram-se quatro passagens que remetem diretamente a Simondon: **O Indivíduo e sua Gênese Físico-Biológica** (1966), Síntese Assimétrica do Sensível/**Diferença e Repetição** (1968), a nona e a décima quinta séries de **Lógica do Sentido** (1969) e **A Geologia da Moral (Quem a terra pensa que é?) de Mil Platôs 1** (1980).

Em **O Indivíduo e sua Gênese Físico-Biológica** a questão prévia da individuação é a existência de um sistema metaestável definido por uma ‘disparação’ entre duas ordens de grandeza, duas escalas de realidades díspares, onde não há comunicação interativa; ao contrário, existe dissimetria, energia potencial e diferença de potencial. Neste texto, Deleuze afirma que o metaestável é definido como ser pré-individual, provido de singularidades. *Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual* (DELEUZE, 2006, p. 118). A disparidade (a categoria do problemático) é, portanto, o primeiro momento do ser, singular e prévio à individualidade. Trata-se da distinção entre singularidade e individualidade, que terá, por sua vez, inúmeros desdobramentos no pensamento de Deleuze. A ressonância, outro conceito importante de Simondon, retomado por Deleuze, aparece como o *modo mais primitivo de comunicação entre realidades de ordens diferentes* (DELEUZE, 2006, p. 119).

O artigo contém ainda outras ideias em torno da individuação: a categoria do ‘problemático’ é definida como momento do ser e primeiro momento pré-individual. A individuação é organização de uma solução, isto é, uma resolução para um sistema objetivamente problemático. Por um lado, essa resolução apresenta-se como ressonância interna, modo primitivo de comunicação entre realidades de ordens diferentes (Deleuze diz que a ressonância terá grande importância no domínio da afetividade). Por outro, essa resolução é informação, clara referência à cibernética e à teoria da significação.

Simondon e Deleuze apontam para níveis cada vez mais complexos de individuação: biológica, psíquica, coletiva, trans-individual. A individuação, nos três últimos níveis, sinaliza, para Deleuze, a possibilidade de se pensar a subjetivação sem o indivíduo, ou melhor, uma subjetivação sem sujeito, radicalizada no processo através do qual tudo é fluxo, dinamismo organizador, máquina de acoplamento. As máquinas colocam em jogo novas maneiras de se pensar o desejo, e portanto, outra teoria da subjetividade.

Deleuze refere que o pré-individual permanece associado ao indivíduo, fonte de estados metaestáveis futuros, em novos agenciamentos que levam em consideração a ressonância interna e a informação.

Em **Diferença e Repetição** (Síntese Assimétrica do Sensível), Deleuze aborda o conceito de disparidade (disparação) como um estado de diferença infinitamente desdobrada. Há um primado da disparação em relação à oposição, às relações de oposição. A individuação não é a diferenciação. O processo contém disparação, individuação e diferenciação. Do mesmo modo como não se tem ou não se é o eu universal, não se tem ou não se é o objeto universal qualquer. Encontramos em Deleuze uma curiosa sequência conceitual: diferença, paradoxo, intensidade, profundidade ou spatium. Na individuação encontram-se diferentes graus da intensidade e diferentes naturezas da intensidade.

A intensidade pode ser pensada a partir de algumas de suas características: a quantidade intensiva compreende o desigual em si, a intensidade afirma a diferença, e a intensidade é uma quantidade implicada, envolvida, embrionada. A individuação é intensiva.

Vale notar o vocabulário de Simondon em torno do pré-individual, isto é, a presença de termos conceitos como ordem de magnitude, sistemas metaestáveis e energia potencial. Quanto a Deleuze, o uso do vocabulário da termodinâmica encontra-se em dinamismos espaço-temporais, processos intensivos de individuação, intensidade, magnitude intensiva e singularidades.

É a assimetria, a diferença problemática, que produz individuação, não como síntese, mas como resposta a uma situação metaestável. Na assimetria, produz-se soluções criativas, invenção de dimensões com novos sentidos. Sauvagnargues lembra os exemplos de Deleuze, individuação material do cristal e individuação vital da membrana. O exemplo simondoniano da cristalização é utilizado por Deleuze na definição do acontecimento.

A cristalização fornece a imagem mais simples de uma transdução, através do reencontro problemático entre o meio pré-individual e a singularização. A transdução implica, portanto, criação e diferenciação (SAUVAGNARGUES, 2011, p. 21).

Duas conclusões do artigo referido possibilitam aproximar individuação e subjetivação: na primeira, *a definição simondoniana de individuação permite a Deleuze precisar sua filosofia da diferença, graças à definição do signo como disparação*<sup>2</sup>. A segunda, *as singularidades se produzem como as condições, a razão transcendental das individuações e das subjetivações humanas, e resume a gênese dos indivíduos e das pessoas*<sup>3</sup>. (SAUVAGNARGUES, 2011, p. 27).

Simondon e Deleuze divergem quanto à transdução e quanto à diferença. Simondon pensa a transdução sob o regime de um processo de unificação, Deleuze a pensa sob a proeminência da heterogeneidade. Simondon pensa a diferença em termos de não identidade; Deleuze, como diferença afirmativa. O ser fasado de Simondon é diferente da multiplicidade substantiva de Deleuze.

Em **Lógica do Sentido**, também encontram-se alguns desdobramentos das ideias de Simondon, em especial o conceito do problemático. Ele remete ao acontecimento. Deleuze define o acontecimento como inatribuível a um sujeito, independe de pessoa ou ser. Ele não corresponde a uma cristalização, ao contrário, é molecular. O acontecimento se dá em uma vida, um verbo, um pôr-do-sol, próximo do infinitivo e da indeterminação. O acontecimento está em relação direta com o jogo do virtual e do atual, desdobramento do fluxo problemático dos movimentos caóticos da vida.

Na Nona Série, ‘Do Problemático’, Deleuze enuncia que o modo do acontecimento é o problemático; as singularidades presidem a gênese das soluções de uma equação. O problema é determinado pelos pontos singulares que correspondem às séries, mas a pergunta é determinada por um processo aleatório que corresponde à casa vazia ou ao elemento móvel.

Na Décima Quinta Série, ‘Das Singularidades’, estas são caracterizadas como anônimas, nômades, impessoais, pré-individuais. Elas determinam o campo transcendental,

<sup>2</sup> La définition simondonienne de l'individuation permet à Deleuze de préciser sa Philosophie de la Différence, grâce à la définition du signe comme disparation.

<sup>3</sup> Ces singularités se produisent comme les conditions, la raison transcendental des individuations et des subjectivations humaines et rendent compte de la genèse des individus et des personnes.

impessoal e pré-individual. As singularidades presidem a gênese dos indivíduos e das pessoas, e se repartem em potenciais.

De acordo com Deleuze, as singularidades se organizam em um sistema metaestável, provido de energia potencial distribuída em séries. Elas gozam de um processo de auto unificação e frequentam a superfície, do tipo membrana ou superfície topológica de contato – o mais profundo é a pele. A superfície é o lugar do sentido, nela ocorrem as atualizações da energia potencial.

Por último, compondo a ressonância produzida pela leitura deleuzeana de Simondon, encontram-se algumas passagens em **Mil Platôs**, especificamente no Platô intitulado A Geologia da Moral (Quem a terra pensa que é?). Deleuze retoma a questão do interior e do exterior no caso do cristal e do organismo, problematiza o papel do limite no caso da membrana, retoma os fenômenos de ressonância entre ordens de grandeza diferentes (molde, modulação e modelagem) e trabalha a noção de transdução, a partir da amplificação das ressonâncias entre o molar e o molecular.

### A Conexão Deleuze Whitehead

Por outro lado, encontramos em Deleuze e Whitehead a pergunta pelas condições de emergência do novo, isto é, em que condições o mundo objetivo permite uma produção subjetiva de novidade (Deleuze, 1991, p. 121). Como pensar o novo? Como fazer surgir a transformação de um conceito? Como favorecer que o conceito amplie a elaboração dos horizontes da experiência?

O conceito de processo em Whitehead diz respeito ao como uma entidade advém, o modo como ela advém constitui o que ela é; de tal forma que o ser constitui o devir, e o devir constitui o processo. De maneira similar, Deleuze afirma que o devir se produz no jogo do virtual com o atual, em fluxo permanente, tal como no processo de Whitehead, e de maneira oposta ao conceito de processo em psicopatologia. O processo, portanto, diz respeito ao devir, ao modo mutante de constituição de algo.

*Processo e realidade* (1929) desenvolve-se a partir do chamado esquema categorial, composto de noções divergentes e fundamentais ao esquema, e de um conjunto de categorias (categorias do último, categorias de existência, categorias de explicação e obrigações categoriais). O processo diz respeito às oito categorias de existência: entidades atuais ou ocasiões atuais, preensões ou fatos concretos de realidade, nexos ou realidades públicas, formas subjetivas ou realidades privadas, objetos eternos ou potenciais puros, proposições ou realidades em determinação potencial, multiplicidades ou disjunções puras de entidades diversas e, por último, contrastes, ou modos de sínteses ou entidades em uma preensão única.

O conceito de criatividade é dependente do conceito de processo, pois processo é o modo do impulso criador. Em Whitehead a criatividade é uma das três categorias do último. As outras duas são: muitos (*many*) e um (*one*). A ontologia de Whitehead é movente, fluída, a criatividade diz respeito a uma atualidade, algo que se atualiza em uma preensão. Espaço e tempo são compostos de relações que se afetam a todo tempo. A experiência é um fato primário de afetação pelo mundo. A continuidade daquilo que é potencial é sempre rompida.

O conceito de acontecimento é central no pensamento de Whitehead e Deleuze. Para o primeiro, o acontecimento é o nexo de uma ocasião atual, a concrecência real de vários potenciais. Para o segundo, o acontecimento não se confunde com sua efetuação espaço-temporal num estado de coisas (Deleuze, 1974, p. 154); ele é impessoal, pré-individual, neutro, dependente da linguagem. Deleuze exemplifica com a literatura de Joe Bousquet (1974; s/d): minha ferida existia antes de mim. O acontecimento difere da banalidade cotidiana e não deixa lugar ao acidente. Ele é efetuação e contra efetuação, sentido e devir do mundo.

As ocasiões atuais, definidas por conjunções, englobam a concrecência e a criatividade. As preensões englobam os elementos não vistos e os objetos eternos, diferentes tipos de objetos eternos, podem ser sensíveis ou conceituais, isto é, os objetos eternos remetem a qualidades

sensíveis ou a conceitos científicos. O ‘*many*’ de Whitehead é a multiplicidade pura e aleatória, estado puro da diversidade disjuntiva. Deleuze refere que no fundo do acontecimento há vibrações (Webdeleuze, acesso em 21/05/2012).

Vale acrescentar que Deleuze e Whitehead estão interessados na ciência de seu tempo. Eles atualizam, cada um a seu modo, algumas questões no âmbito das relações entre ciência e ontologia. A linha de pensamento estimada para dar conta das questões entre tecnociência e subjetividade se desloca nas múltiplas combinações possíveis entre Simondon, Deleuze e Whitehead.

### Referências

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. *A Dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Estudos, 35).

SAUVAGNARGUES, A. Simondon et la Construction de L’empirisme Transcendantal. *Cahiers Simondon*, Numéro 3. Paris: L’Harmattan, 2011.

SIMONDON, G. *Du Mode d’ Existence des Objets Techniques*. Paris: Éditions Aubier, 1989. (Philosophie).

SIMONDON, G. *L’individuation à la Lumière des Notions de Forme et d’Information*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2005.

WHITEHEAD, A. *Modes of Thought*. New York: The Free Press, 1966.

WHITEHEAD, A. *Process and Reality*. Corrected Edition. Gifford Lectures; 1927-28. New York: The Free Press, 1985.